

rescos e até as lendas que a têm acompanhado nesses quase dois séculos de existência nos trópicos. Terminaremos com um detalhado roteiro para que o visitante possa entendê-la melhor e melhor apreciar a sua riqueza.

Resta desta resumida história das bibliotecas deixar registrado que toda uma grande parte da humanidade sempre demonstrou um grande amor aos livros, à cultura escrita em geral. A "bibliofilia" (*biblion + philia*) é muito antiga. Tijolinhos de barro, pedras, papiros, folhas de seda, pergaminhos, papel... desde a mais remota Antiguidade o livro, isto é, o conjunto unitário desses diversos materiais, sempre foi considerado algo de precioso, de quase divino. É divina a Bíblia, O Livro dos Livros. O texto escrito, diz uma antiqüíssima inscrição egípcia, é o "tesouro dos remédios da alma". A tal ponto que a sua guarda e manuseio era apanágio dos reis e sacerdotes. E, mais recentemente, na Idade Média, quando a civilização ocidental a desprezou, a Bíblia passou a ser conservada, guardada, copiada, encadernada, enfeitada com toda a arte pelos monges cristãos. Muitos dos mosteiros medievais quase que só viveram para a conservação do livro. O livro medieval era praticamente um ofício sacerdotal, pois guardava a palavra de Deus, possibilitava a sua difusão, a sua interpretação e a sua imortalidade, pois conservava a memória de toda a sabedoria dos povos, obra de Deus. Em algumas antigas civilizações asiáticas, os devotos abriam e fechavam os livros, sem sequer lê-los, num ato litúrgico de pura veneração. Copiar livros era, para budistas antigos, um trabalho que agradava aos céus⁶.

No Renascimento, a invenção da imprensa e a fácil difusão do livro não diminuiu o amor que lhe foi sempre dedicado. A bibliofilia partiu então para a procura da obra rara, seja pela sua própria raridade, seja pela sua encadernação, pelos seus editores, pela beleza de suas ilustrações e iluminuras ou até mesmo pelo assunto de que tratava. Quando a Revolução Francesa fechou os conventos, os seus preciosos livros começaram a aparecer no comércio, valorizando-os ainda mais, desta feita, como objeto colecionável e lucrativo – às vezes mais do que pelo valor dos seus temas. As bibliotecas nacionais surgiram então